

RESENHA

Ensinar Filosofia: um livro para professores

Alexandre José Hahn¹

Em sua obra *Ensinar Filosofia: um livro para professores*, publicado pela editora Atta Mídia e Educação, em 2009, os professores Renata Lima Aspis e Sílvio Gallo discutem o ensino de filosofia como experiência filosófica, na qual propõem que o ensino de filosofia pode ser usado como meio de provocação para o jovem criar suas próprias versões de mundo. “Um ensino que se dê de maneira tal que leve ao desenvolvimento de uma disciplina filosófica no pensamento” (p.14). Na abordagem dos autores o ensino de filosofia é um gerador de ensaios, de prática de disciplinas filosóficas, do pensamento sobre si e, sendo assim, de mudanças. “Talvez possamos praticar um ensino [...] que faça os jovens saberem que é possível criar ainda. Que os faça sentir que cada um deles pode ser uma máquina de criação de versões, as suas próprias versões e saber que a submissão não é a única saída” (p. 15). Isto é, através da reflexão filosófica podemos despertar nos jovens a ideia de que cada indivíduo pode criar o mundo ou reinventá-lo conforme o desejo de criar – proveniente das provocações postas tanto pelos conteúdos quando pela metodologia das aulas. *Ensinar filosofia* não é apenas mais um livro sobre ensino de filosofia, está mais para mapa incompleto, no qual falta um pedaço. Um mapa para professores de filosofia completarem, colocarem o pedaço que falta. Os autores são descrentes quanto a fixar maneiras de ensinar, no entanto, acreditam que na busca pela “melhor maneira de filosofar” é válido ajustar as coordenadas. Você saberia dizer quão valioso é o deslumbramento de alguém ao perceber que pode transformar o seu mundo?

¹Acadêmico do Curso de Filosofia (LP) da Universidade de Passo Fundo/RS
E-mail: alexandrehahn@mail.com.

O livro objetiva auxiliar os professores de filosofia a uma proposta de ensino de filosofia que busque despertar o gosto dos estudantes pela filosofia e pelo filosofar, por meio de instigantes experiências filosóficas, pois acreditam os autores que “a experiência é aquela coisa que, ao acontecer a alguém transforma essa pessoa, que já não é mais a mesma. É algo que atravessa seu pensamento, suas ideias e faz com que já não possa mais ser o mesmo. Algo se passa, toca e é aprendido de forma transformadora. A experiência filosófica é a experiência de fazer filosofia. É isso que queremos proporcionar aos jovens: a experiência de filosofar” (p. 16).

Essa resenha foi escrita por um *marujo* que espera, com ansiedade, participar de várias *expedições* do pensamento dos estudantes. Enquanto ancorados nessa leitura, vamos conversar sobre o *tesouro* das experiências filosóficas, afinal não vale trancar valiosos ensinamentos em *garrafas* para o *mar engolir*. E para achar um tesouro é preciso saber onde se quer chegar. Aliás, que direções devemos tomar? Quando um caminho não está traçado, o *mapa* está incompleto e a *viagem* é dada quase a esmo, em busca de conhecer cada palmo das coordenadas, desenhando e confirmando ou até negando miragens. “Antes de estarem naquele lugar pela primeira vez não era possível saber nada, o mapa vai se desenhando conforme a exploração avança. Antes só se sabe que se quer desenhar um mapa, e que, para tanto, é necessário explorar” (p. 82).

Aspis e Gallo, nossos experientes capitães, participaram de várias tripulações, possuem discernimento sobre os ensinamentos de grandes mestres, tais como Kant, Deleuze, Foucault, Comenius, e Nietzsche. Com eles, descobriram como tratar a filosofia, que consideram viva, “[...] é uma disciplina do pensamento que nos leva a criar conceitos, é pensamento que confere significado à cultura na medida em que pratica sua síntese conceitual, sendo assim, em cada época, a sua

verdade. O pensamento filosófico, se considerado assim, não é apenas exercício de pensamento reflexivo e rigoroso, mas é, talvez principalmente, criação” (p. 14).

Os autores almejam, com esse trabalho, conseguir que duas pretensões se realizem: um mapeamento e várias experiências filosóficas. A primeira pretensão é tarefa dos professores, que conforme o seu entusiasmo e a sua criatividade, podem criar suas “coordenadas” possibilitando aos estudantes oportunidades de ensaiarem outra forma de pensar, a filosófica. A partir das suas questões, dos problemas da vida hoje, os educandos podem aprender filosofias criadas na história e como a filosofia opera uma síntese da cultura de cada época de forma conceitual criando saída para os problemas dos homens. Podendo, com isso, ensaiar a sua criação filosófica, isto é, realizar um ensaio de criações de si mediante as suas expedições do pensamento.

A obra *Ensinar Filosofia* está dividida em três partes, contando com dois capítulos e apêndices. Na *parte 1 - O que ensinar?* – os autores tratam de pensar sobre a especificidade da filosofia; como se dá o seu aspecto formativo; e porque defendem que aprender filosofia deveria ser uma experiência. Procuram responder questões que envolvem as possibilidades do ensino de filosofia: Por que colocar a filosofia nas escolas? O que se deve priorizar para conseguir experiências filosóficas? Entre temas relevantes ou a história da filosofia, o que escolher? Ensinar filosofia ou filosofar? Há método(s) para ensinar filosofia? É possível que o ensino seja exclusivamente ensino de filosofar, desprezando conteúdos específicos e focando-se nas habilidades de pensamento?

De forma geral, as crianças e os adolescentes são preparados para viver em nosso mundo, aprendendo nossos valores, nossa cultura, o que é o certo e o errado. Esse conhecimento é disperso em casa, na escola, na rua, em todo o convívio social, cada ser humano vai lentamente construindo sua subjetividade. Cada um de nós faz contato com a tradição, com as opiniões correntes do senso

comum, com os conhecimentos que da ciência que a escola enfatiza. Mas, além disso, estamos à mercê da grande roda-viva da indústria cultural, produzindo e consumindo, hipnotizados, consumindo e produzindo. Poucas vezes somos convidados a refletir sobre os significados das tradições, a discorrer sobre a pertinência dos julgamentos do senso comum, a pensar sobre as razões das ciências, e talvez, menos ainda sobre nossas próprias ações.

Quem pode promover esse tipo de pensar sobre o mundo é a filosofia. Ela que adentra nas maiores profundidades desse oceano midiático-cultural que estamos imersos. Essa é a sua especificidade. Para Aspis e Gallo, a filosofia é uma forma de delimitar as fronteiras de um campo do saber, é a imposição de uma ordem ao pensamento, é uma forma de aprendizado, uma educação do pensamento. “A filosofia não é arte e não é ciência, assim como não é religião, mitologia e opinião. Ela pode complementar as demais disciplinas, as potências criativas do pensamento [...] e pode ser complementada por elas (p. 32)”.

Enquanto a filosofia puder envolver-se com as potências criativas do pensamento, em companhia da arte e da ciência, será uma atividade de criação conceitual, assim assentam nossos capitães: “A filosofia ‘desnaturaliza’ nosso pensamento cotidiano, fazendo com que nós o coloquemos sob suspeita, sob interrogação, nos fazendo ‘pensar o próprio pensamento’. E, com isso, nos permite produzir um pensamento melhor elaborado, com melhores fundamentos, mais crítico” (p. 43). A criação conceitual, ou criação de conceitos, é ponto de partida para apropriação e produção de ideias, promovendo o desenvolvimento da criticidade, da argumentação e a criatividade.

Os autores estimulam que os estudantes sejam encorajados a desenvolver suas próprias experiências de pensamento. Sua própria expedição do pensamento. Para essa experiência dar certo, segundo os autores, se fazem necessários os textos filosóficos, mostrando a compreensão que cada filósofo cria, por meio de

seus conceitos, para enfrentar os problemas com os quais se depara. Entretanto, ao escolher o que trabalhar com os estudantes o professor deve ser cuidadoso, como também, não pode cair num “enciclopedismo” – fator que poderia desencadear no desinteresse dos alunos.

O professor, conforme os autores, poderia optar por uma abordagem temática que facilitaria a visualização dos problemas filosóficos, após o ponto de partida, se validaria com o que já foi pensado pelos filósofos - como se fosse matéria para o pensamento do estudante. Combustível para realizar a expedição. Os autores acreditam que se o estudante entender que a filosofia é necessariamente algo voltado ao cotidiano, que ela pode pensar naquilo que os incomoda, poderão acreditar que por meio da reflexão filosófica vivam melhor. E se podemos exercitar a razão autonomamente podemos filosofar, “[...] a filosofia criativa voltada para os problemas vividos, visando equacioná-los conceitualmente, é potencialmente revolucionária” (p. 66).

Na *parte 2 – Como ensinar?* - os autores versam sobre as questões das práticas de ensino, tratando das questões: Como ganhar a atenção do aluno perante as seduções do “mundo lá fora”? Que direções tomar? Como proceder ao estudo filosófico? Como os alunos podem exercitar a escrita? A avaliação também pode funcionar como tática de ensino? Como avaliar? “É importante pensar que o que poderá, desde o início, trazer o interesse dos alunos para as aulas é a aproximação que se possa fazer das questões a serem tratadas e nossas vidas, nossa realidade. Certamente se conseguimos logo no começo mostrar aos alunos que a filosofia trata das questões humanas mais fundamentais e que estas são exatamente aquelas com as quais nos debatemos quando não estamos por demais tomados pelo corre-corre do cotidiano, isto aumentará seu interesse” (p. 76).

Partindo da premissa de que não existe um método para aprender, mas para ensinar, Aspis e Gallo estipulam um processo metodológico para o professor

garantir que o aluno chegue ao final de sua expedição do pensamento. Nesta parte da obra, são destacadas as coordenadas da parte que temos do mapa e o que devemos complementar para realizar expedições do pensamento. “Resumidamente, todo o processo seria assim: em primeiro lugar, criamos uma situação de aproximação dos problemas filosóficos a serem estudados com o universo dos alunos através de recursos imagéticos, musicais e textuais diversos – chamamos esta fase de *sensibilização*; depois partimos propriamente para a elaboração desses problemas, a fase de *problematização*, que se dá pela provocação das questões, componentes dos problemas, que serão tratados filosoficamente no curso; depois o estudo propriamente dito, que se faz por meio de leitura de textos filosóficos e posterior ensaio de *escrita filosófica*. Tanto os textos dos filósofos da tradição quando textos sobre a *história da filosofia* ou aulas expositivas sobre esta história serão instrumentos do ensino” (p. 80).

Já podemos zarpar as *âncoras*? Mas qual será a direção? Antes de termos o mapa traçado estipulamos que era preciso explorar. Uma *bússola* aponta sempre para o norte e a partir dele ditamos os outros pontos cardeais, aliás, é preciso atenção para o lado que estamos. Nossa bússola é a *problematização*, é com a checagem da temática que estipulamos nossa direção. Todos os mapas de um atlas seguem o mesmo sistema de referências, mas o mapa de um lugar é único, intransferível, assim é uma sala de aula. O desenho do mapa terá que ser desenhado conforme a expedição for avançando. “Cada professor, na singularidade de seu curso, saberá escolher táticas adequadas, textos mais próprios, formas de avaliar condizentes com seu processo específico” (p. 81). Eis algumas coordenadas para iniciar o traçado do *mapa*, de uma direção para ensinar filosofia.

Nossa expedição é o próprio ensino de filosofia como experiência filosófica. Após fazermos a exploração geográfica, isto é, após a *problematização* territorial, podemos adentrar pelo caminho do esclarecimento, possibilitando a experiência. “O

nosso norte é a *criação de conceitos*. Este sistema quer ser útil para a criação de uma didática filosófica dos professores, construída na sua prática, nas suas diversas práticas, sendo assim autenticamente sua. Propomos como coordenadas desse sistema: a *leitura filosófica*, a *história da filosofia* e a *escrita filosófica* – estas são as referências deste ensino” (p. 83).

Todo professor deveria ser *marujo*, ter espírito aventureiro e ansiedade por novas aventuras. Não queremos, nem devemos detalhar toda a obra, deixamos o convite das expedições de pensamento para novos tripulantes, professores que queiram desbravar os *mares* desse *oceano* que aflige nossas vidas, para os que desejam ensinar a filosofia de modo que os outros comecem a pensar filosoficamente. Este livro é destinado aos que querem traçar suas próprias coordenadas, pois o mapa dos nossos capitães não mantém proporções territoriais, nem indicará sempre o mesmo território, muito menos partirá para o mesmo destino, será sempre um mapa novo, conforme a experiência de outros sujeitos. Mas as estratégias para estipular as coordenadas foram compartilhadas, e podem ser melhoradas. Esse mapa é formado de questionamentos, pois não há filosofia sem questão.

Aspis e Gallo traçam uma crítica sobre o ensino de filosofia, ao mesmo tempo em que, elencando possibilidades, auxiliam na relação professor-estudante, deixando a cargo dos professores que decidam os próprios instrumentos de *mapeamento* e *navegação*. O livro é muito pertinente quanto a sua proposta de ensino de filosofia como experiência filosófica, deveria ser lido por todos os entusiastas do ensino de filosofia, sejam iniciantes ou não. Seguindo a bússola, com Aspis e Gallo, com certeza realizaremos grandes expedições do pensamento.

REFERÊNCIA

ASPIS, Renata Lima; GALLO, Sílvio. *Ensinar Filosofia*. um livro para professores. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009. 152 p.